Representações do genocídio negro na poesia afro-brasileira

Representations of black genocide in afro-brazilian poetry

Representaciones del genocidio negro en la poesía afrobrasileña

Celiomar Porfirio Ramos

https://orcid.org/0000-0001-5039-0893

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar a representação do genocídio negro na poesia afro-brasileira contemporânea. Para tal exercício, tomou-se como *corpus* de análise um dos poemas que compõem a obra *Flores de batalha* (2023), de Sérgio Vaz, cujo título é "Recado" e o poema "Quadrilha", de Lívia Natália, presente em *Correntezas e outros estudos marinhos* (2015). Utilizou-se como ponto de partida para as reflexões, o conceito de escrevivência de Conceição Evaristo, a fim de argumentar que a literatura afro-brasileira, muitas vezes, tem sido tomada como um instrumento para denunciar as violências que marcam cotidianamente a população negra brasileira. Ademais, pontuou-se o empenho em realizar uma leitura analítica dos poemas mencionados relacionando-os a acontecimentos históricos, tais como a Chacina do Cabula ocorrida em Salvador em 2015 e a "Megaoperação" que aconteceu no Rio de Janeiro em 2025.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira; Genocídio negro; Escrevivência.

Abstract

This article aims to analyze the representation of Black genocide in contemporary Afro-Brazilian poetry. For this purpose, I selected as the corpus of analysis one of the poems included in Flores da batalha (2023), by Sérgio Vaz, entitled "Recado," and the poem "Quadrilha," by Lívia Natália, published in Correntezas e outros estudos marinhos (2015). As a starting point for these reflections, I employ Conceição Evaristo's concept of *escrevivência* in order to argue that Afro-Brazilian literature has often been used as an instrument to denounce the forms of violence that daily affect the Black population in Brazil. Furthermore, I emphasize the effort to carry out an analytical reading of the aforementioned poems by relating them to historical events, such as the Cabula Massacre, which took place in Salvador in 2015, and the "Megaoperation" that occurred in the Rio de Janeiro in 2025.

Keywords: Afro-Brazilian literature; Black genocide; Escrevivência

Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar la representación del genocidio negro en la poesía afrobrasileña contemporánea. Para ello, tomé como corpus de análisis uno de los poemas que componen Flores da batalha (2023), de Sérgio Vaz, titulado "Recado", y el poema "Quadrilha", de Lívia Natália, presente en Correntezas e outros estudos marinhos (2015). Utilizo como punto de partida para las reflexiones el concepto de *escrevivência* de Conceição Evaristo, con el fin de argumentar que la literatura afrobrasileña, muchas veces, ha sido concebida como un instrumento para denunciar las violencias que afectan cotidianamente a la población negra brasileña. Además, destaco el empeño en realizar una lectura analítica de los poemas mencionados, relacionándolos con acontecimientos históricos, tales como la Masacre de Cabula, ocurrida en Salvador en 2015, y la "Megaoperación" que tuvo lugar en el Rio de Janeiro en 2025.

Palabras clave: Literatura afrobrasileña; Genocidio negro; Escrevivência.

Considerações iniciais

As violências marcam a vida de pessoas negras, no Brasil, desde a formação da sociedade brasileira até a contemporaneidade, de forma sistemática, corrobora o extermínio dessa parcela da população, especialmente os jovens negros que residem em espaços ditos periféricos. Neste contexto, entendo que a literatura afro-brasileira desempenha um papel de valor inestimável, à medida que, em alguns casos, empenha-se em construir representações de tais violências, trazendo à tona temas que foram historicamente "esquecidos" e/ou apagados.

Ainda que a produção literária afro-brasileira não se limite a abordar as violências, reconheço, por meio das pesquisas e leituras que tenho feito, que essa temática ocupa um papel de destaque na produção de autoras e autores negros, ora como forma de resistência e, em outros momentos, como denúncia.

O texto que elaborei, resultado de uma comunicação em uma mesa no I Simpósio Nacional de Poesia dos Países de Língua Portuguesa (SINPOLIC), teve como objetivo analisar as representações do genocídio negro na poesia afro-brasileira contemporânea. Para isso, tomei como *corpus* literário dois poemas: "Recado", de Sérgio Vaz, publicado em *Flores da batalha* (2023), e "Quadrilha", de Lívia Natália, presente em *Correntezas e outros estudos marinhos* (2015). Ambos permitiram discutir, em diálogo com acontecimentos históricos, sobre o genocídio de homens negros e os desdobramentos de tais violências para além das vítimas que são diretamente atingidas.

Escrevivência e denúncia das violências raciais na literatura afro-brasileira

Neste texto, tenho como objetivo abordar as representações do genocídio negro na poesia afro-brasileira contemporânea. Para isso, tomo como *corpus* literário dois poemas, sendo um deles de Sérgio Vaz, popularmente conhecido como poeta da periferia, cujo título é "Recado", que está no livro *Flores da batalha* (2023). O outro poema é da Ialorixá, professora, pesquisadora e poeta Lívia Natália, que tem como título "Quadrilha", publicado na obra *Correntezas e outros estudos Marinhos* (2015).

Para dar início às reflexões que proponho neste artigo, mencionarei dois textos que trazem pressupostos que nortearão o debate. O primeiro, escrito por Maria Wiliana Ferreira Severiano e Micaela Sá da Silveira, é intitulado *Entre rezas e cicatrizes: a violência contra a mulher no conto "gesso", de Jarid Arraes* (2023), no qual as autoras argumentam que a "[...]

violência tem se tornado cada vez mais recorrente na produção literária brasileira" (Severino, Silveira, 2023, p. 13). O segundo texto, por sua vez, foi escrito por mim e por Marinei Almeida e tem como título *Conceição Evaristo: uma escrita de corpos femininos marcados pela violência* (2019), no qual evidenciamos que, na sociedade brasileira, há uma parcela da população que é alvo de violências, conforme é possível observar abaixo:

> Em um país onde o negro foi e ainda é silenciado; "onde a carne mais barata do mercado é a carne negra", como canta e denuncia [à época viva] Elza Soares; **onde as balas têm GPS para encontrar os corpos negros**; onde a subalternização desses corpos é marcada historicamente, sobretudo, dos corpos negros femininos, em virtude dos aspectos étnico-raciais e de gênero, entendemos que a arte produzida por negros não possui, apenas, valor estético, mas configura-se como um ato político e de resistência (Evaristo, 2015) e, consequentemente, a palavra torna-se uma arma de luta (Ramos, Almeida, 2019, p. 15)

Retomo, em caixa alta e em negrito, o seguinte fragmento do excerto: **EM UM PAÍS ONDE AS BALAS TÊM GPS PARA ENCONTRAR OS CORPOS NEGROS... A PALAVRA TORNA-SE UMA ARMA DE LUTA**. Diante de tal fragmento, evidencio que entre os motivos que levam a literatura contemporânea a expor as violências praticadas contra as maiorias minorizadas, destaca-se o fato de que essa parcela da população tem se apossado da pena, portanto, reescrevendo a história, em uma contranarrativa e, consequentemente, expondo as violências que foram apagadas nos discursos proferidos a partir da perspectiva da "história única".

Aos estudiosos das literaturas não trago nenhuma novidade, quando apresento o íntimo diálogo entre a literatura e a sociedade. Para sustentar uma discussão que não se esgota, bastaria mencionar Antonio Candido e sua obra *Literatura e sociedade* (2023) ou os pressupostos de Abdala Junior, em *Literatura: história e política* (1989, p. 23), principalmente, quando ele afirma que "[...] quando o escritor escreve, pode julgar que o texto é apenas seu, não tendo consciência de que na verdade é a sociedade que escreve através dele". No entanto, enveredarei pelo caminho da escrevivência, pois me parece mais coerente, neste contexto, analisar os textos de autoria afro-brasileira a partir de uma epistemologia afro-brasileira.

A escrevivência, termo cunhado por Conceição Evaristo, é resultado da junção de "escrita" e "vivência" que, em um primeiro momento, constitui-se como uma proposta literária e, posteriormente, ganha outros contornos, assumindo uma dimensão política e epistemológica. Corroboram o exposto, as considerações realizadas por Conceição Evaristo em *A Escrevivência e seus subtextos* (2020), especialmente o seguinte fragmento:

> [...] *Escrevivência*, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. (Evaristo, 2020, p. 30).

A escrevivência, conforme Conceição Evaristo, apresenta uma perspectiva que visa romper com o passado imposto, apresentando uma versão pautada na ótica das mulheres negras. Chamou-me a atenção o fragmento "[...] numa concepção inicial[...]", pois entendo que a escrevivência não diz respeito apenas à escrita das mulheres negras. Sinto-me à vontade para defender essa perspectiva, embasando-me nas proposições de Eduardo de Assis Duarte que, em entrevista ao Canal Texto e Contexto (2017), argumentou que a escrevivência sempre existiu e engloba a autoria de homens e mulheres racializados.

Eduardo de Assis Duarte assegura que a importância de Conceição Evaristo, nessa circunstância, está em nomear a escrita de pessoas racializadas, pois traduz, por meio do termo escrevivência, todo um projeto da literatura escrita por autoras e autores negros. Ademais, complementa que Conceição Evaristo criou um conceito que traduz uma prática que a antecede, ao colocar "[...] em formato literário aquilo que você e seu povo estão passando. Aquilo que você e seu povo são e que precisa ser dito, pois não basta ser, tem que dizer" (Duarte, 2017, *online*).

Cabe destacar que a escrita de homens negros e mulheres negras, lida como escrevivência e expõe "[...] aquilo que você e seu povo estão passando". Revisito, então, a discussão que não se esgota sobre a relação entre a literatura e a sociedade. Registro que a escrevivência volta o olhar para a sociedade como um todo, mas confere centralidade a uma parcela da sociedade, aquela que foi (im)posta à margem, as pessoas negras e, muitas vezes, trazendo à tona as violências das quais elas foram vítimas.

Antes de refletir sobre os poemas selecionados, aponto o que me levou a ter interesse em discorrer sobre as representações do genocídio negro na poesia afro-brasileira. No dia 28 de outubro de 2025, fui surpreendido pelas manchetes dos principais jornais, que informavam sobre a chacina, denominada pelo governo do estado do Rio de Janeiro, sob a gestão de Cláudio Castro, como "Megaoperação". A referida operação foi realizada nos *complexos* da Penha (com cerca de 100 mil habitantes) e do Alemão (com aproximadamente 54 mil habitantes), que, juntos reúnem 30 comunidades, e que, somadas são maiores que 90% dos municípios brasileiros. A "Megaoperação" resultou na morte de 117 civis, em alguns casos, com requinte de crueldade, como, por exemplo, vítimas *com tiro na nuca, facadas e degoladas,* além de 4

policiais mortos. Registro que parcela considerável dos corpos foi retirada da mata pelos moradores dos complexos.

Diante desse cenário e considerando o pressuposto de Eduardo de Assis Duarte (2017), de que a escrevivência expõe "[...] aquilo que você e seu povo estão passando", posso afirmar que a literatura afro-brasileira tem sido utilizada de forma sistemática como um instrumento para trazer à tona as violências, inclusive a estatal, que marcam a vida dessa parcela da sociedade. Embora as violências sejam o tema deste texto, a produção literária de mulheres e homens negros não se limita a abordá-las. Basta olharmos, por exemplo, para o poema *Encontrei minhas origens*, de Oliveira Silveira; para *Integridade*, de Geni Guimarães; ou para *Sou negro*, de Cuti, para perceber uma forte vertente de afirmação racial.

Há outras temáticas recorrentes na produção de homens negros e mulheres negras, dentre elas, destaco a **memória e a ancestralidade**, presentes no poema *Vozes-Mulheres*, de Conceição Evaristo; a incorporação **de elementos e crenças ligadas às religiões afro-brasileiras** como ocorre, por exemplo, no poema *Abebé Omin*, de Lívia Natália e no poema *Sálùbá*, de Esmeralda Ribeiro. Trazer esses apontamentos é importante, pois, embora seja óbvio que a produção literária afro-brasileira não se limite às violências, o óbvio, muitas vezes, precisa ser dito.

Defendo que as violências são um tema recorrente na literatura afro-brasileira por fazerem parte da vida cotidiana das pessoas negras no Brasil. A adoção da perspectiva interseccional não permite que eu acredite que todas as pessoas negras estão sujeitas às mesmas violências; há outros marcadores sociais das diferenças que dialogam com a questão racial, colocando determinados grupos em maior vulnerabilidade. Contudo, a questão racial é, de forma sistemática, um dos principais fios condutores. Para sustentar tal pressuposto, basta responder alguns questionamentos, tais como: Qual o perfil das pessoas encarceradas no Brasil? Para cumprir tal tarefa, indico o livro de Juliana Borges *Encarceramento em massa* (2019). Outro questionamento que contribui para sustentar o meu ponto de vista é: qual o perfil daqueles que são alvos da violência estatal? A indicação agora é o *Atlas da Violência – 2025*, coordenado por Daniel Cerqueira e Samira Bueno. Por fim, para não me estender muito, apresento a seguinte pergunta: Qual o perfil das mulheres vítimas de feminicídio? Em relação a esse questionamento, oriento que se retome o *Atlas da Violência – 2025* e, se possível, faça-se a leitura completa.

Após este preâmbulo, essencial à discussão dos textos literários eleitos para análise, dedicarei, a partir de agora, a observar de que forma os poetas estão colocando, em formato

literário, as violências praticadas contra a população negra brasileira. Darei ênfase a dois poemas, um de autoria masculina e outro de autoria feminina, cujas vítimas das violências são homens negros. Faço um adendo: embora sejam os homens negros as vítimas letais, as violências resvalam (in)diretamente em todas as pessoas que compõem o grupo ao qual tais sujeitos pertencem, conforme será possível observar ao longo da discussão.

Utilizo o termo "violências", no plural, porque considero coerente a proposição de Irme Salete Bonamigo, em *Violências e contemporaneidade* (2008), especialmente quando ela evidencia que uma violência sempre está ligada a outra(s). Portanto, o racismo, violência que ocupa destaque nos textos literários em discussão, promove outras violências que dialogam diretamente com o genocídio da população negra e a necropolítica.

O mineiro Sérgio Vaz, que reside em São Paulo, é tido como um dos maiores expoentes da literatura marginal/periférica e, por isso, tornou-se conhecido como "poeta da periferia". Sua produção literária é constituída por poemas e crônicas que versam, prioritariamente, sobre a vida na periferia, a resistência e a democratização da literatura. Ademais, saliento sua importância no âmbito cultural, para além da literatura escrita, visto que ele é um dos fundadores da Cooperativa Cultural da Periferia (Coopeferia), responsável por promover saraus semanais em bares da Zona Sul de São Paulo. Lucía Tennina, em *Sérgio Vaz: Uma literatura breve para ser feliz* (2017), defende que os textos literários produzidos por Sérgio Vaz "[...] respondem a um complexo projeto literário que se estrutura sob a intenção de culturizar e valorizar a ideia de 'periferia' a partir de um trabalho sobre textos breves e efetivos" (Tennina, 2017, p. 80).

A literatura produzida por Sérgio Vaz tem uma importância significativa, assim como a de outros autores tidos como marginais/periféricos, tais como Ferréz e Sacolinha (Nascimento, 2006), pois apresenta uma perspectiva social que foge da história única, portanto, fornece ao leitor *um olhar de dentro* da periferia. Louse Bastos Corrêa, ao descrever a escrita de Sérgio Vaz, compreende-a como

> [...] uma arma que serve de instrumento de luta, e o seu intuito é trazer à tona uma realidade que, para muitos, ou é totalmente desconhecida ou simplesmente é escondida por um poder público, que insiste em não olhar para os problemas da periferia, daqueles que sofrem (Corrêa, 2013, p. 1).

A palavra é tomada como uma arma de luta que traz à tona a realidade marcada por violências destinadas à vida das pessoas que residem na periferia. Soma-se a isso a omissão do

Estado que, muitas vezes, retroalimenta um projeto, nem um pouco velado, da necropolítica a serviço do extermínio da população, majoritariamente negra, que reside na periferia.

Apresentarei agora um poema de um dos últimos livros lançados por Sérgio Vaz, *Flores de Batalha* (2023), cujo título é "Recado":

Recado

Executaram o menino
que morava na rua de baixo
com cinco tiros.
Um matou ele,
o outro a mãe,
o terceiro o pai,
o quarto o irmão.
O quinto
foi um recado,
e pegou de raspão
no bairro inteiro.

No título, é informado ao leitor, por meio de uma nota de rodapé, que o poema foi "inspirado no texto 'Mineirinho' de Clarice Lispector". Trata-se de uma crônica, que, segundo Lina Cavalcante, Michele Lourinho e Ana Carolina Borges Leão Martins (2020), foi publicada, num primeiro momento, em 1962, na *revista Senhor* e, posteriormente, em 1964, na obra *Legião estrangeira* e, por fim, em 1999, no livro *Para não esquecer.* A crônica narra a história do Mineirinho, um criminoso de vinte e oito anos, que foi morto com treze tiros, com requintes de crueldade.

Ao direcionar o olhar para o poema, é possível observar, ao longo do texto, que não há uma demarcação racial explícita nos versos. Contudo, elementos extratextuais permitem a compreensão de que estamos falando de sujeitos racializados, nos poemas e contos que compõem a obra *Flores de Batalha* (2023). Ouso apontar que o mais significativo é a sua capa, que é constituída pela silhueta de um homem negro, de costas, e uma flor.

A voz lírica que fala nos onze versos irregulares que constituem o poema comunica, logo no primeiro verso, um ato de violência, ao declarar: "Executaram o menino". Chama a atenção o fato de que não é dito pelo eu lírico "um homem" ou "um jovem". Retomo, a fim de enfatizar: trata-se de um menino; portanto, isso permite a compreensão de que ele ainda vive na mais tenra idade. Isto posto, o menino carrega consigo certa inocência, vulnerabilidade e, por isso, carece de proteção. Proteção essa que não foi possível garantir. Nos versos subsequentes, a voz que fala no poema apresenta ao leitor os desdobramentos de tal violência.

Ainda que o menino tenha sido executado com cinco tiros, apenas um o matou, de acordo com o quarto verso.

É evidenciado que os demais tiros, aqui utilizados no sentido conotativo, atingiram pessoas próximas ao sujeito não nomeado, dentre elas, a mãe, o pai e o irmão. Ao contrário do menino, para este grupo, a morte física não ocorre. Um elemento textual no poema permite chegar a essa conclusão: o fato de os vocábulos "executaram" e "matou" aparecerem explicitamente nos versos que se referem diretamente ao menino. Apesar de a morte física desse grupo não ocorrer, eles não saem ilesos; carregam o peso de viver com as marcas das violências e com a dor que os impossibilitam de viver a vida em sua plenitude.

Os últimos três versos justificam o fato de o poema ter como título "Recado". Eles fazem referência ao "quinto tiro", que atinge indiretamente, ou seja, "de raspão", o "bairro inteiro" em que estava a vítima da execução:

> O quinto
> foi um recado,
> e pegou de raspão
> no bairro inteiro.

Ao olhar atentamente para o poema, especialmente para os últimos versos, é possível notar que há um recado que expõe diversas questões. Dentre elas, destacamos: a quinta vítima, o "bairro inteiro", que, embora não receba um tiro certeiro, como ocorre com a mãe, o pai e o irmão, nem por isso deixa de ser afetado pelas violências.

Outro elemento importante é que "o bairro inteiro" fica sob aviso, posto que há um recado, uma vez que os meninos que o constituem, juntamente com seus pais, são vítimas potenciais. Monica Francisco Aprigio, em *Nesse lugar de mãe de meninos pretos* (2022), descreve, a partir de suas experiências, a insegurança que permeia a vida de uma mulher negra no que diz respeito à maternidade, levando algumas delas a optarem "[...] por não ter filhos temendo o extermínio de sua prole". Há outras que, embora decidam pela maternidade, convivem diariamente com o medo, pois, no contexto no qual estamos inseridos, os filhos, meninos-homens pretos, são historicamente desumanizados pelo racismo, que marca a vida de tais sujeitos desde a infância. Logo, esses meninos-homens pretos se tornam expostos às múltiplas violências e às políticas de morte desde muito cedo (Aprigio, 2022).

Olhando para o poema como um todo, um elemento merece certa atenção: o eu lírico não informa de onde vêm os tiros que atingem de forma letal o menino e acertam a mãe, o pai e o irmão e, de raspão, a sociedade. Desse modo, fica em aberto, permitindo a compreensão de

que o menino pode ter sido alvo de um grupo criminoso ou do Estado, por meio da força policial. O Estado, nesse caso, pode ter contribuído com a execução do menino não só quando se utiliza de um aparelho que lhe pertence, a polícia, mas também quando é omisso, deixando de criar meios de combate às violências e/ou políticas públicas voltadas, especialmente, à população negra periférica.

Outro poema que trago para discussão tem como título "Quadrilha", publicado na obra *Correntezas e outros estudos Marinhos* (2015). Ele é de autoria, conforme apontado no início do texto, da Ialorixá, professora, pesquisadora e poeta Lívia Natália. Diversas são as temáticas que constituem a sua produção, dentre as quais se destacam: a afirmação da identidade negra feminina, a valorização da ancestralidade africana, a religiosidade afro-brasileira e a denúncia da violência racial. As temáticas por ela abordadas não se encerram aí. Contudo, as citadas compõem o rol das que mais me chamam a atenção.

Assim como Sérgio Vaz, Lívia Natalia estabeleceu diálogo com um texto literário existente. No entanto, no caso da poeta, o diálogo intertextual fica mais evidente, portanto, não necessitou de uma nota de rodapé para informar ao leitor. Do título à estrutura, a poeta Lívia Natália dá indícios ao leitor do diálogo intertextual entre seu poema "Quadrilha" e o de Carlos Drummond de Andrade, conforme é possível observar:

> Quadrilha
>
> Maria não amava João,
> Apenas idolatrava seus pés escuros.
> Quando João morreu,
> assassinado pela PM,
> Maria guardou todos os seus sapatos.
> (Natália, 2015, p. 137)

O poema "Quadrilha", de Lívia Natália, assim como o de Carlos Drummond de Andrade, aborda, ainda que com focos distintos, a impossibilidade de vivenciar o amor. No caso do poema em análise, a impossibilidade é resultado da violência, especialmente a estatal, destinada a uma parcela da população que tem como marcador social da diferença o racial.

Segundo Glauce Souza Santos, em *O que podem três textos literários contra o genocídio negro?* (2023), o poema "Quadrilha" foi inspirado na Chacina do Cabula, uma "ação da Polícia Militar" que, aqui denominamos de genocídio, aliado à necropolítica, ocorrida em meados de 2015, no Bairro Cabula, em Salvador, e que deixou 12 mortos e 6 feridos. Em virtude dessa

"ação policial", 9 PMs foram denunciados pelo Ministério Público, mas alegaram legítima defesa e foram absolvidos.

A pesquisadora ainda complementa que, à época, o governador da Bahia, Rui Costa, utilizou a seguinte comparação para se referir à situação: "[...] um PM de arma em punho é como um artilheiro em frente ao gol" (Santos, 2023, p. 97-98). Essa comparação reitera a ideia mencionada no início do texto de que "[...] as balas têm GPS para encontrar os corpos negros" (Ramos; Almeida, 2019, p. 15), pois as 12 vítimas letais eram jovens negros que tinham entre 16 e 27 anos.

Às pessoas que acreditam que os dados referentes à "Megaoperação" que ocorreu no Rio de Janeiro (2025) e à Chacina do Cabula (2015) são insuficientes para sustentar a assertiva de que as balas têm GPS para encontrar os corpos negros, inclusive aquelas disparadas pelos representantes do Estado, a polícia, oriento que busquem informações nos relatórios acerca de quem são as principais vítimas das violências, e, nesse caminho, indico a leitura do relatório *Pele Alvo: crônicas de dor e luta* (2025), da Rede de Observatórios da Segurança, que aponta o seguinte dado: policiais mataram 4.068 pessoas em 2024, em nove estados brasileiros. Do total de vítimas, 3.066 eram negras, ou seja, 86,2%.

Não se pode esquecer, conforme apontou Eduardo de Assis Duarte (2017), que a escritora/escritor e/ou a poeta/o poeta negro, quando escreve "[...] está colocando em formato literário aquilo que ele e seu povo *estão passando*" (Duarte, 2017, *online* – grifos nossos). A locução verbal empregada pelo estudioso, em destaque na citação, remete a uma ação em andamento. Desse modo, entendo que, embora Lívia Natalia tenha tomado como mote uma situação em específico, a Chacina do Cabula, ela está colocando em formato literário a situação que o povo brasileiro racializado está passando para além do solo soteropolitano, ou seja, seu poema dialoga também com a "Megaoperação do Rio de Janeiro" e tantas outras que são noticiadas diariamente.

A quadrilha à qual se refere o título do poema, ao contrário da de Drummond, não diz respeito a uma dança, mas a uma associação criminosa. Os estereótipos raciais colocam os homens negros, conforme aponta bell hooks, em *A gente é da hora: homens negros e masculinidade* (2022), como perigosos, violentos e criminosos por natureza. Isto posto, um grupo de homens negros, independentemente de suas ações, sistematicamente é visto como uma quadrilha. Isso confere "direito" a um aparelho do Estado, a polícia, que deveria, em tese, fazer parte da segurança pública, de condená-los, muitas vezes à morte, mesmo que esses homens

não tenham cometido nenhum delito, a não ser o de nascer e (sobre)viver em uma sociedade racista que os condena única e exclusivamente por serem homens negros.

Ao contrário do que acontece com o poema "Recado", de Sérgio Vaz, em "Quadrilha" temos a questão racial demarcada explicitamente no segundo verso: "Apenas idolatrava *seus pés escuros*". Os seguintes versos compõem o rol daqueles que mais chamam a atenção no poema em análise: "Quando João morreu,/assassinado pela PM". Isso se deve ao fato de eles evidenciarem o genocídio da população negra, principalmente a masculina, pelas forças policiais. João Costa Vargas, em *Por uma Mudança de Paradigma: Antinegritude e Antagonismo Estrutural* (2017), aponta que os "[...] negros vivenciam violência não por causa do que fazem, mas por causa de quem são, ou melhor, de quem não são" (Vargas, 2017, p. 96).

O último verso do poema, por fim, traz: "Maria guardou todos os seus sapatos", fazendo referência aos sapatos de João que, agora, é mais uma das vítimas das violências praticadas pela polícia. A impossibilidade de Maria vivenciar o amor, tolhida pela violência policial, fica evidente nos versos acima, restando a ela apenas guardar os sapatos e viver as memórias de um amor e das violências. Corrobora o exposto a fala da poeta Lívia Natália em entrevista à reportagem de Juliana Almirante, intitulada *Escritora diz ter sofrido 'censura' em poema sobre morte de negro pela PM* (2016), que, ao comentar sobre o poema, argumenta que:

> O poema faz diálogo com outro, o de Carlos Drummond de Andrade. O sentido de 'quadrilha' foi modificado. A crítica basicamente é ao extermino da juventude negra e isso é um fato, todas as pesquisas mostram isso. O poema que é uma história de amor, de Maria, que tinha João a cortejando. É uma história que poderia acontecer e, quando acontece o assassinato, ela guarda os sapatos (Natalia, 2016, *online)*

Retomo o que apontei na leitura do poema "Recado": as violências e/ou a bala que mata, não atinge apenas a vítima letal; ao executar o menino e matar João, ela acerta, de forma conotativa, nesse cenário, a mãe, o pai, o irmão, a sociedade, Maria e a todos que convivem com as dores causadas pela ausência e pela (in)certeza de que poderá, a qualquer momento, ser a próxima vítima.

É digno de nota que o poema "Quadrilha", de Lívia Natália, em 2016, foi exposto em um *outdoor* na cidade de Itabuna, sul da Bahia, por meio do Programa "Poesia nas ruas", financiado pelo Fundo de Cultura do Estado da Bahia (FCBA). A previsão de exposição era, a *priori*, de dois meses. Contudo, em virtude de uma crítica feita pela Associação dos Policiais e Bombeiros Militares e seus Familiares do Estado da Bahia (Aspra), durou apenas quatro dias.

A Aspra argumentou, por meio de nota à imprensa, segundo a reportagem de Juliana Almirante, o seguinte:

> Aspra acusou o poema de incitar "*discriminação, intolerância e racismo*" contra os policiais militares baianos. A associação pediu a retirada imediata da peça das ruas. "*Incentivam uma imagem equivocada dos militares. Nós não somos os criminosos, mas os responsáveis pelo combate da criminalidade*", disse o coordenador-geral da Aspra, deputado Marco Prisco.

Julgo como curioso o fato de os termos discriminação, intolerância e racismo aparecerem na nota em questão, visto que são esses os fatores denunciados pela poeta e os mesmos que foram decisivos no assassinato de João que, como expôs o poema, foi "assassinado pela PM".

Trazer esses dois poemas – de Sérgio Vaz e de Livia Natalia – permite compreender, ainda que de forma breve, que a poesia, especialmente a produzida por poetas racializados, tem sido utilizada, muitas vezes, no processo de agenciamento coletivo, como um instrumento de denúncia e combate diante das violências impostas à população negra, inclusive a estatal, praticada pela polícia, um dos aparelhos do Estado.

Faço um adendo: não só a poesia tem sido empenhada em denunciar tais violências. A prosa, por sua vez, ocupa um espaço muito importante nesse contexto. Somente para exemplificar, indico o romance *Coração sem medo* (2025), de Itamar Vieira Junior, que é ambientado em Salvador e aborda a violência policial e suas implicações sobre a vida de Rita Preta e seus filhos, especialmente Cid. Conforme apontado, trago isso apenas como um exemplo; uma discussão aprofundada sobre esse romance merece empenho para a construção de um novo texto.

Breves considerações

Ainda que eu tenha analisado apenas dois poemas neste artigo, "Recado", de Sérgio Vaz, e "Quadrilha", de Lívia Natália, parece-me que não é um exagero de minha parte, considerando as leituras que tenho feito das produções afro-brasileiras contemporâneas, afirmar que as escrevivências de autoras e autores negros têm sido um espaço de exposição e denúncia das violências raciais e estatais que marcam a vida de homens negros e mulheres negras.

Assumo o risco de ser redundante, pois já mencionei isso ao longo do texto, mas compreendo que é necessário retomar: não estou afirmando que a literatura afro-brasileira se

reduz a expor e denunciar as violências, mas é inquestionável o lugar que o tema em questão ocupa.

No que diz respeito aos poemas analisados, um ponto de encontro merece certa atenção, tanto “Recado”, de Sérgio Vaz, e “Quadrilha”, de Lívia Natália, evidenciam que as violências praticadas contra um sujeito negro não se encerram nas vítimas que são diretamente atingidas. Elas deixam marcam incapazes de serem apagadas naqueles que são próximos e/ou convivem com as vítimas.

Outro ponto que destaco é a pertinência de uma epistemologia negra para realizar a análise de poemas escritos por poetas afro-brasileiros. Para além da compreensão de que há uma relação entre o texto literário e a sociedade, quando utilizo a escrevivência, entendo que a escrita literária de mulheres negras e homens negros, ao colocar “[...] em formato literário aquilo que você e seu povo estão passando” (Duarte, 2017, *online*), elabora experiências que são coletivas, lembremos: “[...] as balas têm GPS para encontrar os corpos negros” (Ramos, Almeida, 2019, p. 15), ou seja, ser alvo em uma sociedade racista. Além disso, confronta o silenciamento historicamente imposto ao que produz contranarrativas.

Ao expor as violências e, consequentemente, produzir contranarrativas, a literatura afro-brasileira assume uma dimensão política, à medida que se compromete em não adormecer os da casa-grande, mas acordá-los de seu sono injusto, como assegura Conceição Evaristo.

Referências

ABDALA JUNIOR, Benjamim. *Literatura: história e política*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

APRIGIO, Monica Francisco. Nesse lugar de mãe de meninos pretos. In: DA SILVA JÚNIOR, Paulo Melgaço; CAMILO, Vandelir (Ed.). *Masculinidades negras*: novos debates ganhando formas. Ciclo Contínuo Editorial, 2022.

BONAMIGO, Irme Salete. Violências e contemporaneidade. *Revista Katálysis*, v. 11, p. 204-213, 2008.

BORGES, Juliana. *Encarceramento em massa*. São Paulo: Pólen; Sueli Carneiro, 2019.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Todavia, 2023.

CAVALCANTE, Lina; LOURINHO, Michele; MARTINS, Ana Carolina Borges Leão. Quem contou os tiros que mataram Mineirinho, quem conta os dias da morte de Marielle?. *Cadernos de Psicanálise| CPRJ*, v. 42, n. 42, p. 47-59, 2020.

DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis**.** *Texto e contexto*. Ocupação Conceição Evaristo 2017. YouTube, 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FdOlgr028lI. Acesso em: 29 abr. 2026

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (coord.). *Atlas da Violência 2025*. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea); São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2025. Disponível em: https://publicacoes.forumseguranca.org.br/server/api/core/bitstreams/d138ad78-cd6b-4f5e-9a4c-598e5106d111/content. Acesso em: 29 abr. 2026.

EVARISTO, Conceição. A Escrevivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, Constância L.; NUNES, Isabela R. (org.). *Escrevivência:* a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. 26-46.

FREITAS, Ivana Silva. O ponto e a encruzilhada: a poesia negra rasurando a literatura oficial através da intertextualidade. *Pontos de Interrogação – Revista de Crítica Cultural,* Alagoinhas-BA: Laboratório de Edição Fábrica de Letras - UNEB, v. 5, n. 2, p. 113–129, 2016.

HOOKS, Bell. A gente é da hora: Homens negros e masculinidades. Editora Elefante, 2022.
ITAÚ CULTURAL. *Texto e contexto – Ocupação Conceição Evaristo (2017).* YouTube, 3 maio 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vR0Ne2h0lwE. Acesso em: 17 maio 2026.

LISPECTOR, Clarice. O mineirinho. In: LISPECTOR, Clarice. *Para não esquecer*. Editora Rocco, 2020.

MARQUES, Lílian**.** *Escritora diz ter sofrido censura em poema sobre morte de negro pela PM*. G1 Bahia, Salvador, 27 jan. 2016. Disponível em: https://g1.globo.com/bahia/noticia/2016/01/escritora-diz-ter-sofrido-censura-em-poema-sobre-morte-de-negro-pela-pm.html. Acesso em: 17 maio 2026.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. *Literatura marginal*: os escritores da periferia entram em cena. 2006. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

NATÁLIA, Lívia. Quadrilha. In: *Correntezas e outros estudos Marinhos*, Ed. Ogum´s Toques, 2015.

RAMOS, Silvia *et al. Pele alvo: mortes que revelam um padrão.* Rio de Janeiro: CESeC, 2025. Disponível em: https://observatorioseguranca.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2025/11/RELATORIO_REDE-DE-OBS_PELE-ALVO-5_FINAL_0311.pdf. Acesso em: 17 maio 2026
RODRIGUES, Felipe Fanuel Xavier. Identidade poética de Lívia Natália. *Revista Brasileira de Literatura Comparada,* v. 23, p. 20-31, 2021.

SOUZA SANTOS, Glauce. O que podem três textos literários contra o genocídio negro?. *ODEERE: Revista Internacional de Relações Étnicas, [S. l.]*, v. 8, n. 1, p. 84–105, 2023.

TENNINA, Lucía. Sérgio Vaz. uma literatura breve para ser feliz. *Terra roxa e outras terras– Revista de Estudos Literários,* 2020

VARGAS, João Costa. Por uma mudança de paradigma: antinegritude e antagonismo estrutural. *Revista de Ciências Sociais*. Fortaleza, v.48, n. 2, p.83-105, jul./dez., 2017.

VAZ, Sérgio. *Flores da batalha*. Global editora, 2023.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Coração sem medo*. São Paulo: Todavia, 2025.

.